CADERNOS do APLICAÇÃO
Pesquisa e Reflexão em Educação Básica

https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao
ISSN 2595-4377 (online)
Porto Alegre | v. 35 | n. 1 | jan.-jun. 2022
DOI: https://doi.org/10.22456/2595-4377.119314

>> Temática Especial

Eu, professora, e a escrita de mim: uma proposta de mediação de escrita on-line

Daniela Favero Netto*
Camila Canali Doval**
Caroline Valada Becker***

Resumo:

Este relato de experiência apresenta uma discussão sobre a mediação de escrita realizada em caráter de extensão na oficina de escrita, oferecida em plataforma on-line, "Eu, professora, e a escrita de mim", a qual foi promovida durante a pandemia da COVID-19 e voltou-se a professoras da educação básica. A discussão teórica mobilizada na oficina perpassa a teoria da enunciação (BENVENISTE, 2014), as qualidades discursivas — Unidade Temática, Concretude, Questionamento e Objetividade (GUEDES, 2009) e a concepção de subjetividade relacionada à leitura literária (PETIT, 2009). Em via de mão dupla entre teoria e prática, este texto reflete sobre estratégias voltadas ao exercício da escrita de si e, a partir do estudo de um caso de escrita e reescrita realizadas na oficina, aponta para a leitura pública, a discussão com leitores interessados e as qualidades discursivas como recursos importantes para a mobilização da(s) subjetividade(s) nas produções escritas, em especial, em relatos de experiência.

Palavras-chave:

Mediação de escrita. Oficina on-line. Escrita de si. Leitura pública. Qualidades discursivas.

I, a teacher, and the writing of myself: an online writing mediation proposal

Abstract:

This experience report discusses the writing mediation practices employed in an Extension-program workshop, throughout on-line platform, "Eu, professora, e a escrita de mim" (I, a teacher, and the writing of myself), aimed at elementary and secondary female teachers, carried out during the COVID-19 pandemic. The theoretical background mobilized in the workshop comprises the Theory of Enunciation (BENVENISTE, 2014), the discourse qualities named Thematic Unit, Concreteness, Questioning and

* Doutora em Letras pela UFRGS, na Linha de Pesquisa Linguística Aplicada, professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: d.faveronetto@gmail.com. ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-1367-1263.
** Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, professora de Literatura e Redação no La Salle Dores. E-mail: cami.doval@gmail.com. ORCID ID: https://orcid.org/0000-0003-2424-8804.
*** Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio de Aplicação da UFRGS. E-mail: carol.valada@gmail.com. ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-6088-1626.

Objectivity (GUEDES, 2009), and an understanding of subjectivity associated with literary reading (PETIT, 2009). Addressing both theory and practice, this paper analyzes strategies aimed at exercising the writing of oneself, and, from the study of a case of writing and rewriting that took place in the workshop, points to public reading, discussion with engaged readers, and the discourse qualities as important resources to the mobilization of subjectivity (or subjectivities) in written productions, particularly in experience reports.

Keywords:

Writing mediation. Online workshop. Writing of oneself. Public reading. Discourse qualities.

Yo, profesora, y lo que escribo sobre mí: una propuesta de mediación de escritura online

Resumen:

Este trabajo presenta un relato de experiencia sobre la mediación de escritura que se llevó a cabo, en carácter de extensión, en el taller de escritura online, "Eu, professora, e a escrita de mim" (Yo, profesora, y lo que escribo sobre mí), promovido durante la pandemia de COVID-19, destinado a profesoras de la Educación Básica. La *discusión teórica movilizada en el taller engloba la teoría de la enunciación (BENVENISTE, 2014), las cualidades discursivas Unidad Temática, Concreción, Cuestionamiento y Objetividad (GUEDES, 2009) y el concepto de subjetividad relacionado con la lectura literaria (PETIT, 2009). En una vía de doble mano entre teoría y práctica, este texto reflexiona sobre estrategias pensadas para ejercitar la escritura sobre ellas mismas y, a partir del estudio de un caso de escritura y reescritura realizadas en el taller, destaca la lectura* pública, *la discusión con lectores interesados y las cualidades discursivas como recursos importantes para movilizar la(s) subjetividad(es) en las producciones escritas, especialmente en relatos de experiencia.*

Palabras clave:

Mediación de escritura. Taller online. Escritura sobre sí. Lectura pública. *Cualidades discursivas.*

Não sou alegre, nem sou triste, sou professora.[1]

Escrever de si e suas implicações

Este trabalho discute a oficina *Eu, professora, e a escrita de mim*, promovida por três professoras da educação básica da cidade de Porto Alegre, ofertada em caráter de extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A oficina contou com a participação de onze docentes da educação básica da mesma cidade e da Região Metropolitana. Sua organização foi pensada de modo a estimular, antes de tudo, a reflexão sobre as subjetividades das professoras participantes, em módulos que discutiram: a) a autoria de mulheres; b) as subjetividades na leitura e na escrita literárias; e, por fim, c) as qualidades discursivas que dão voz à(s) subjetividade(s) nos textos escritos.

A proposta provocou um deslocamento das participantes para o lugar de estudantes, na medida em que propunha a prática e a reflexão sobre suas escritas, elaboradas no período de realização da oficina, considerando qualidades discursivas específicas. Professoras, via de regra,

1 Excerto do relato de Ariane Borba Clos, participante da oficina *Eu, professora, e a escrita de mim*. Todos os excertos de relatos de participantes da oficina de que trata este artigo têm, com seus consentimentos, autoria informada.

ocupam o lugar de leitoras dos textos produzidos por estudantes; nesse sentido, houve o desafio de assumirem-se, além de leitoras, como autoras, aproximando-se do que nos apresenta bell hooks, no texto *Compartilhar histórias*: "Sempre que peço aos estudantes para escreverem textos pessoais concluindo frases ou respondendo a questões, também escrevo um parágrafo. É importante em uma comunidade de aprendizagem desmantelar hierarquias desnecessárias" (HOOKS, 2020, p. 98).

A oficina realizou-se em um tempo e um espaço não escolares, porém as professoras participantes não se desvencilharam de sua identidade docente; na verdade, a provocação central era, justamente, convocarem esse traço identitário. Embora em outro contexto, as mulheres que estavam na oficina seguiam professoras e aceitaram o desafio de escrever, em um caminho de volta para si por meio da escrita, em um percurso viabilizado, em especial, pelo encontro com outras professoras, por meio de plataforma virtual, recurso que, entre outros tantos, integrou-se ao fazer docente de todas as participantes desde março de 2020, estendendo-se até hoje.

É importante ressaltar, ainda, que falar de si por meio da escrita é entendido aqui como ato enunciativo (BENVENISTE, 2014), com todas as abstrações inerentes ao processo de escrever, como a ausência física do interlocutor, a desvinculação com um contexto imediato (o que de certa forma tem sido contornado com as novas possibilidades tecnológicas, em especial nas redes sociais) e, claro, o fato de que a língua escrita é adquirida após a aquisição da língua falada. Há, também, no escrever de si, uma necessidade de abstração que envolve lugares discursivos e deslocamentos do sujeito por esses diferentes lugares: a mesma pessoa exerce a função de autora — eu —, a função de primeira leitora de si, e a função de objeto de que fala. Trata-se, então, de um "eu" que projeta a si mesmo no texto, em uma tríade de deslocamentos, sem jamais abandonar seu posto.

Se escrever de si, por si só, exige essa abstração, escrever de si enquanto alguém que se reconhece em uma profissão que tem forçado deslocamentos decorrentes de uma pandemia requer um exercício ainda mais difícil. Para auxiliar nesse deslocamento, a oficina, como dito, orientou-se por alguns tópicos, os quais serão discutidos nas seções que seguem. Por fim, será apresentado um caso, ilustrando as implicações do escrever de si, bem como as escolhas metodológicas utilizadas no processo de mediação de escrita realizada entre a versão inicial e a reescrita de uma produção de uma participante da oficina on-line.

Subjetividades narradas: escrever(-se) e ler(-se) como professora e mulher

A oficina apresentou uma peculiaridade que não pode deixar de ser mencionada: a palavra "professora", grafada no feminino, definiu, desde o título da oficina, a quem se dirigia o convite para a escrita. É interessante mencionar que, no decorrer dos encontros, não houve necessidade de justificativas para essa delimitação; ao que parece, apesar dos avanços nas questões sociais referentes à desigualdade de gênero no mercado de trabalho, continua despertando interesse a criação de espaços seguros entre mulheres para falarem de suas experiências, nesse caso, profissionais, a partir de um eixo diferente do hegemônico, historicamente identificado com o masculino.

A ideia de dirigir a oficina especialmente a professoras da educação básica decorreu de um anseio que se tornara comum às três professoras ministrantes após a vivência de um ano inteiro de pandemia, período em que as inseguranças e os medos causados pela ameaça da COVID-19 se misturaram às angústias e às incertezas que assolaram a educação no Brasil. De um dia para o outro, pode-se dizer, o exercício da profissão foi radicalmente alterado: uma das ministrantes, professora da rede privada, migrou para o que se convencionou, às pressas, chamar de estudos domiciliares (espécie de ensino a distância), enquanto as outras duas, professoras da rede pública, tiveram praticamente extinto qualquer vínculo com estudantes. Na turma formada para participar do curso, a maior parte das professoras se encontrava encaixada numa dessas situações, quando não nas duas, ao mesmo tempo.

A partir desse contexto turbulento, imaginava-se que haveria uma troca significativa, na forma de diálogo, das tais angústias e incertezas, as quais seriam potencializadas na escrita, que, por si só, já é capaz de gerar sentimentos semelhantes. Não havia como prever, de antemão, qual seria o resultado, em textos, da proposta lançada às professoras participantes, mas esperava-se certa carga emocional nas produções. O enunciado, como será apresentado a seguir, direcionava ao escrutínio da subjetividade como docente, mas estava posto, desde o início, mesmo que nas entrelinhas do título do curso, o entrecruzamento dessa identidade com a especificidade da experiência feminina como professora, tensionamento que seria trazido à tona em meio ao cenário de longos meses de distanciamento, introspecção e medo, ainda sem data para acabar.

Foi construída, entre tantas outras possíveis, esta travessia: os primeiros passos foram reflexões acerca da escrita; no meio do caminho, foram apresentadas definições acerca da autoria feminina, relacionando-a ao escrever e ao ler, em contraste com o lugar identitário professora-mulher; antes do exercício de escrita, foram propostas aproximações entre a leitura literária e a inscrição da subjetividade.

Ao final do curso, as produções dizem melhor do que as hipóteses. Uma das participantes da oficina, Priscila, assim iniciou seu relato: "Não escolhi ser professora, mas me tornei uma. E tornar-se não necessariamente implica ser em essência. Carrego em mim a contradição de um ser inacabado em seu ofício, um ser duplamente afetado no jogo da profissão ora valorizada ora desvalorizada"[2].

A frase de abertura, que instaura o ato da escrita de si, remete diretamente ao célebre aforismo de Simone de Beauvoir, "não se nasce mulher; torna-se uma", que há décadas exprime um conflito imposto às mulheres muito mais do exterior — sociedade — em direção ao indivíduo do que o contrário. Conforme a filósofa afirmou em *O segundo sexo,* "Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino" (BEAUVOIR, 1980, p. 9). A partir das produções da oficina, é nítido que, enquanto mulheres se tornam mulheres, se tornam também mães, filhas, netas, companheiras, amigas, alunas, professoras, cidadãs, e os limites entre elas se "indefinem" no cotidiano da existência.

O verbo "tornar-se", emblemático na obra de Beauvoir em referência a uma feminilidade que é construída socialmente, e não, como a própria filósofa ironiza, "secretada pelos ovários", pontuou, na forma de diferentes sinônimos, os textos das participantes do curso. Assim como a mulher parece estar, aos olhos da sociedade, em eterna construção, também a professora se mostra hesitante em se afirmar ao mundo como tal, e tanto uma como a outra podem não demonstrar certeza do que se tornaram ou foram levadas a se tornar, como a participante tão assertivamente externou em sua releitura de Beauvoir.

Como no relato da professora Priscila, outras resistem a uma definição, e o que, à primeira vista, pode parecer insegurança em relação à própria capacidade de "ser professora", pode, por uma outra possível perspectiva, revelar o gosto pelo "tornar-se", ou seja, o apreço pelo processo, pelo caminho, pelo estar em constante movimento. Tal revelação vem à tona no título do relato de Daiane, "Tu é tão burra que nunca sai da escola": de como me tornei professora[3]; na confidência de Cristiane, "Ter tantas dúvidas me deixa insegura, com medo, mas também faz com que eu me movimente, corra atrás de sempre estar aprendendo"[4]; e também no entendimento complacente de Kelly, "Olhando a minha trajetória, percebo que tentar desenrolar esse novelo que me tornou professora já não faz mais sentido"[5]. Ainda, nas palavras de Vanessa, é perceptível a importância

2 Excerto do relato de Priscila Cavalcante do Amaral.

3 Excerto do relato de Daiane Martins Bocasanta.

4 Excerto do relato de Cristiane Lopes Nunes Hartstein.

5 Excerto do relato de Kelly Cirino Gueiral.

do movimento, da não estagnação, postura expressa na intercalação dos passados com o presente, na repetição do gerúndio, nas expressões que duvidam de um ponto final: "Não posso dizer que me construí como professora, que me afirmei. Estava e estou sempre recomeçando, reaprendendo, descobrindo como fazer. Duvidando, talvez, encarando os desafios, fazendo pose de quem sabia em que terreno pisava, mesmo quando a barriga doía e as mãos tremiam"[6].

É interessante relacionar esses relatos ao senso comum do significado de ser mulher, tanto em relação às eternas cobranças da sociedade, para a qual nenhuma mulher está ou estará um dia pronta, quanto em relação às cobranças que as próprias mulheres fazem a si mesmas e fazem umas às outras, justamente por se projetarem nesse lugar que só existe no olhar do outro. A partir da leitura dos textos, vê-se que tanto a mulher quanto a professora têm buscado na capacidade de transmutação uma força, a sua força. No relato de Priscila, vislumbra-se um receio em relação ao olhar do outro, mas também uma espécie de liberdade: "Se seguirei ocupando o lugar de professora? Não sei, mas algo ainda me encanta, algo ainda me faz pensar que sou inteligível sim"[7].

No caminho percorrido no curso, foi apresentada uma definição ampla de leitura, sugerindo que é possível ler o mundo, as pessoas, as imagens, os gestos, os corpos, as palavras. Sendo assim, a identidade docente, as professoras, também são lidas: seus corpos, suas roupas, seus discursos e seu repertório, ou seja, os textos que as professoras leem e aqueles que selecionam para o trabalho em sala de aula. Tudo isso compõe "o texto" que define as identidades. Dessa forma, a subjetividade ganha contornos. E a subjetividade estabelece estreita relação com a leitura literária, a qual, por sua vez, pode ser associada ao ato de escrever.

Segundo Michèle Petit, o livro e o ler são uma espécie de acolhimento porque, ao provocarem a suspensão do espaço, oferecem uma moradia provisória para o leitor e para a leitora. Para quem lê, o livro torna-se um "teto todo seu" (PETIT, 2009, p. 27). Ao ressignificar a ideia apresentada por Virginia Woolf, Petit evidencia a suspensão do espaço inerente ao ler, bem como a busca e o ato de engendrar a si mesmo.

Embora a obra *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* dedique-se a observar a relação da juventude com os livros, as definições apresentadas por Petit são pertinentes para a análise de qualquer leitor e leitora. Um dos excertos apresentados pela autora motivou uma das aulas da oficina: "mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas" (PETIT, 2009, p. 36-37).

De fato, ler não transforma todos e todas em romancistas, contistas ou poetas, mas auxilia quem lê a perceber as sutilezas do mundo, a encontrar, na ficção, a figuração de outras identidades, a desvendar subjetividades. Do mesmo modo, um exercício de escrita como o proposto na oficina não transformou as participantes em escritoras, mas permitiu a todas mergulharem em memórias e refletirem sobre quem são — enquanto professoras, enquanto mulheres — para, por fim, narrarem a si mesmas, experimentando o lugar de autoras dos seus textos e das suas vidas.

Professoras e a escrita da experiência: um estudo de caso

Os cinco primeiros encontros da oficina voltaram-se ao papel da mulher na literatura, às subjetividades na leitura e na escrita literárias e, por fim, às "qualidades discursivas", que foram analisadas, junto às participantes, em textos literários, em relatos pessoais produzidos em âmbito acadêmico e em relatos pessoais de estudantes da educação básica. Os três últimos foram dedicados

6 Excerto do relato de Vanessa Soares Paiva.

7 Excerto do relato de Priscila Cavalcante do Amaral.

à leitura e à discussão dos textos elaborados pelas participantes, em sua versão inicial e em sua versão reescrita, cuja leitura aconteceu no encontro de encerramento.

As produções foram realizadas a partir da seguinte proposta: "Quando escrevemos de nós, escolhemos ler a nós mesmas; passamos a exercitar a construção de sentido sobre vivências, bem como a ressignificação de situações experienciadas: desvelamo-nos para nós e para o outro. Então, escreve, para as colegas deste grupo, um relato de experiência que tenha encoberto ou, ainda, descoberto subjetividades da professora que és".

É importante destacar, com relação aos procedimentos adotados, que a leitura pública dos textos das participantes instaurou-se como uma estratégia que ultrapassa a necessidade de alguém emprestar a sua voz, a sua entonação e o seu ritmo ao texto, em um gesto de acolhimento, tão relevante em tempos de distanciamento social. O momento de partilha da voz proveu aos encontros um espaço de aproximação, ainda que virtual, mas, antes disso, a leitura pública teve o papel de instaurar a comunicação intersubjetiva de um texto construído, a priori, em isolamento. Como será visto mais adiante, a construção da reescrita, no entanto, fundamentou-se substancialmente na conversa realizada entre as leitoras participantes da oficina.

A instauração da prática de leitura pública justifica-se na medida em que o deslocamento pela tríade, característica de quem escreve de si, pode ser menos difícil quando se promove um círculo de "leitores interessados", ou seja, trata-se de uma tentativa de superar, de certa forma, a ausência física do outro, inerente ao processo de escrever. Por leitor interessado entende-se quem discute a "produção de texto de acordo com as exigências da situação de interlocução proposta" (MANGABEIRA; COSTA; SIMÕES, 2011, p. 294).

A ideia de leitor interessado dialoga com a proposição "escuta ativa", tecida por bell hooks (2020, p. 82). Ao defender a presença das narrativas de si em sala de aula, enunciadas tanto por estudantes quanto por docentes, hooks propõe a realização de exercícios de escrita e de leitura em voz alta. A escuta ativa seria literalmente ouvirmos uns aos outros, um ritual potente e pertinente para o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem. No caso da proposta da oficina, a produção deveria atender às qualidades discursivas, vistas como um recurso importante para dar voz à(s) subjetividade(s) nos textos.

As leitoras interessadas, professoras ministrantes e participantes da oficina, não buscavam avaliar a versão inicial de cada texto durante a leitura pública, mas contribuir com o processo de reescrita das produções por meio da interlocução estabelecida durante a discussão sobre os relatos de experiência; afinal, na perspectiva enunciativa, a subjetividade institui-se a partir de relações intersubjetivas, a partir do encontro com o outro.

As qualidades discursivas que guiaram a discussão sobre os textos foram propostas por Guedes (2009), em *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*, e serão brevemente explicadas a seguir.

A *unidade temática* é considerada como um ponto de partida, pois norteia não só autor ou autora — que, ao selecionar um assunto, se torna apto ou apta a selecionar o que falar sobre esse assunto —, como também o é para o leitor ou a leitora.

O *questionamento* diz respeito à capacidade de o autor ou a autora envolver leitores com o assunto do texto. É a qualidade que diz respeito ao equacionamento de um problema; ela mostra ao leitor ou à leitora que ele ou ela "tem muito a ver com aquilo que o texto está falando". (GUEDES, 2009, p. 60).

A *concretude*, conforme Guedes (2009) é a qualidade que garante que o texto seja lido com precisão, para que não restem dúvidas a respeito dos sentidos e valores que o autor ou a autora atribuiu aos recursos expressivos utilizados em sua escrita.

A *objetividade*, por fim, é a característica do texto que dá a quem lê "todos os dados necessários para o entendimento do que quer dizer a partir de uma avaliação que o autor ou a autora faz sobre o conhecimento prévio que o leitor deve ter a respeito do assunto em questão" (GUEDES,

2009, p. 59). Trata-se de enxergar o texto enquanto um objeto e fornecer as informações necessárias para que o leitor ou a leitora consiga participar do assunto sobre o qual o texto está se propondo a discutir. Assim, enquanto a objetividade seleciona as informações necessárias, a concretude lhes dá precisão, garantindo que o texto revele os sentidos atribuídos por aquele ou aquela que o escreveu.

A reflexão sobre o papel da autoria de mulheres, sobre suas subjetividades na escrita e na leitura literária, sobre as qualidades discursivas, junto ao espaço viabilizado para a leitura pública e para a discussão dos textos produzidos no âmbito da oficina, mostraram-se um processo importante para a prática de escrita e de reescrita dos relatos de experiência das professoras, conforme ilustra o caso discutido a seguir.

> Texto 1: versão inicial
> Eu, professora, e a escrita de mim (Kelly Cirino Gueiral)
> De todas as subjetividades que aqui dentro se acumulam, entrelaçam, conectam e repelem-se, a subjetividade da professora que eu sou é a mais delicada de tentar expressar.
> Um fragmento do Livro do Desassossego, do poeta Fernando Pessoa, diz que "A vida é um novelo que alguém emaranhou. Há um sentido nela, se estiver desenrolada e posta ao comprido, ou enrolada bem."
> Olhando a minha trajetória, percebo que tentar desenrolar esse novelo que me tornou professora já não faz mais sentido. Portanto, o tenho enrolado cada vez mais, dia após dia, partes mais frouxas, partes mais apertadas, juntando lã de novelos de diferentes cores e texturas.
> Eu nunca imaginei ser professora, nos tempos em que meu futuro era esse terreno que pertencia à imaginação. O curso de Letras teve um gosto de prêmio de consolação, a saída possível, numa época em que as portas para o futuro imaginado se mostraram instransponíveis. Durante o curso, sentia que só aprendia o que não devia fazer como professora de Língua Portuguesa e Literatura, nos debruçávamos em estudar as más práticas do ensino da língua materna, criticá-las para jamais repeti-las. Ao final do curso, acumulava saberes do que não devia fazer e não tinha a menor ideia do que então significava ser uma professora de Língua Portuguesa, decidi, portanto, não sê-la. Novamente a vida me colocou diante de caminhos bloqueados e me tornar professora da rede pública municipal foi a estrada que pude trilhar.
> Poderia seguir tentando desenrolar esse novelo, mas aqui é a parte em que ele começa a enrolar, dar nós, rolar entre pedras, enroscar em galhos. Às vezes enrola meu próprio ser, me sufoca, me oprime; noutras me faz seguir aos puxões, me impulsiona. Mas confesso que os momentos mais significativos são aqueles em que esse novelo trança em outros e alguma coisa então é tecida, ou desmanchada.
> Ser professora, afinal, é esse entrelaçar de novelos emaranhados, esse encontro diário de histórias eternamente sendo reescritas e é aqui que me reencontro, me reviso, me costuro e me remendo, nunca sozinha, nessa trama que nunca foi um desvio do caminho, nem um plano alternativo, mas a história da minha vida.

Após a leitura pública do texto, iniciou-se uma discussão partida de um ponto que, de certa forma, foi um consenso daquele grupo de leitoras interessadas: o relato de experiência traz uma série de metáforas que não foram suficientemente exploradas para dialogarem com suas leitoras. Trata-se de um diálogo interno, que ficou escondido na cabeça da autora, não desceu para sua mão. Embora haja um fio condutor guiado por um novelo de lã que se desenlaça e se enlaça novamente, buscando dar "unidade temática" ao texto, remetendo a um percurso com obstáculos até o tornar-se professora, não há um relato de experiência que possa ser visualizado pelas leitoras, que sabem somente que ser professora não foi um desejo da autora, mas uma condição possível. Assim, a "objetividade", qualidade discursiva que considera o conhecimento prévio de quem lê para se pensar o conteúdo do texto, mostra-se um ponto a ser buscado pela autora na reescrita, já que as leitoras não encontraram no texto os dados necessários para o seu entendimento.

Para as leitoras, restaram estas dúvidas: Ser professora foi um prêmio de consolação recebido no lugar de qual prêmio almejado? Que portas foram essas que se fecharam e que deixaram o

"futuro imaginado" para trás? Possivelmente o "futuro imaginado" é o "prêmio que foi almejado", mas as leitoras não têm pistas para reconhecê-lo no relato. Tais explicações exigem o exercício de dar "concretude" ao texto durante o processo de reescrita, pois as leitoras ficaram esperando, por exemplo, saber o que estava do outro lado da porta; afinal, foram aquelas primeiras "portas intransponíveis" e os "caminhos bloqueados" que, de certa maneira, colocaram a autora em seu lugar de professora e colocaram-na, ainda, na oficina, a dialogar, por meio do relato de experiência, com suas leitoras interessadas, também professoras.

Quanto ao "questionamento", pareceu às leitoras que o problema equacionado pela autora diz respeito ao fato de que os significados se constroem também no inesperado e que eles nos constituem tanto quanto o previsível da vida. No entanto, somente se a "objetividade" e a "concretude" fossem alcançadas na reescrita, as leitoras interessadas poderiam participar do convite a essa reflexão. É o que será visto a seguir.

> Texto 2: reescrita:
> Eu, professora, e a escrita de mim (Kelly Cirino Gueiral)
> De todas as subjetividades que aqui dentro se acumulam, entrelaçam, conectam e repelem-se, a subjetividade da professora que eu sou é a mais delicada de tentar expressar.
> Um fragmento do Livro do Desassossego, do poeta Fernando Pessoa, diz que "A vida é um novelo que alguém emaranhou. Há um sentido nela, se estiver desenrolada e posta ao comprido, ou enrolada bem."
> Olhando a minha trajetória, percebo que tentar desenrolar esse novelo que me tornou professora já não faz mais sentido. Portanto, o tenho enrolado cada vez mais, dia após dia, partes mais frouxas, partes mais apertadas, juntando lã de novelos de diferentes cores e texturas.
> Eu nunca imaginei ser professora, nos tempos em que meu futuro era esse terreno que pertencia à imaginação. Nessa época, tinha certezas aparentemente muito bem amarradas e uma delas era a de que seria psicóloga. Porém, eram tantos nós a desfazer e outros tantos fios soltos que não se ligavam, que o sonho da Psicologia se resumiu em três semestres de uma universidade particular, que eu achava que poderia pagar com meu parco salário de recém adulta.
> O curso de Letras surgiu nesse momento, com um gosto de prêmio de consolação, a saída possível, algo que cabia dentro do meu orçamento e não brigava demais com quem eu era, afinal, a Literatura sempre foi o fio que usei para suturar minhas dores e ela bem que poderia servir para coser o meu futuro.
> Durante o curso, encontrei pouco, ou quase nada, dessa Literatura que enlaça e constrói. Sentia que só aprendia o que não devia fazer como professora de Língua Portuguesa, nos debruçávamos em estudar as más práticas de ensino, criticá-las para jamais repeti-las. Ao final do curso, acumulava saberes do que não devia fazer e não tinha a menor ideia do que então significava ser uma professora de Língua Portuguesa e Literatura, decidi, portanto, não sê-la.
> Nessa ânsia apressada de desenrolar o futuro, realizei o sonho de ser mãe e amarrei a minha existência aquele pequeno ser, de uma tal maneira, que receber a nomeação para um concurso na área judiciária, num cargo que me faria uma não-professora, mas que me tiraria de casa por um longo período, me pareceu um corte profundo demais nesse tecido em que a vida tinha bordado o mais precioso dos tesouros.
> De repente, tudo o que eu não queria se mostrava como solução possível, pois a nomeação de 20h como professora municipal, um concurso que fiz "só por fazer", me permitia trabalhar, sem precisar passar tantas horas longe do meu filho. E lá fui eu, tomar posse como professora, sem querer, nem saber direito o que era sê-la.
> Poderia seguir tentando desenrolar esse novelo, mas aqui é a parte em que ele começa a enrolar, dar nós, rolar entre pedras, enroscar em galhos. Estar numa sala de aula se tornou mais significativo do que estar no sonhado consultório, não sou psicóloga, sou professora, leio e me deixo ler. Os alunos trazem nas suas mochilas o que lhes pesa na alma e escrevem nos seus cadernos o que seus corações não conseguem traduzir. Sento ao lado deles, escolho um texto para tecer nossa história (será que a professora vai chorar quando ler?), pincelo a gramática obrigatória, jogamos as histórias ao vento, costuramos novos finais, remendamos

> o presente. Nesse labor que às vezes enrola meu próprio ser, me sufoca, me oprime, um sustento que não sustenta, uma valorosa função tão desvalorizada; noutras me faz seguir aos puxões, me impulsiona – aquele brilho no olhar de quem achou palavras para desatar os nós, palavras capazes de tecer alguma coisa ou desmanchá- la, não era isso que queria a guria que sonhava em ser psicóloga?
> Ser professora, afinal, é esse entrelaçar de novelos emaranhados, esse encontro diário de histórias eternamente sendo reescritas e é aqui que me reencontro, me reviso, me costuro e me remendo, nunca sozinha, nessa trama que nunca foi um desvio do caminho, nem um plano alternativo, mas o tecido da minha vida.

As experiências de escrever de si e ler a si, além da escuta do que disseram as leitoras interessadas, mobilizaram novas descobertas para a autora no processo de reescrita, constituindo um relato de experiência cujas relações de sentido agora estão evidentes na materialidade do texto. As informações omitidas na primeira versão foram trazidas ao texto, permitindo às leitoras a compreensão da metáfora do novelo que enrola e desenrola. No primeiro texto, qualquer história sobre uma vida que se depara com situações que a levaram a novos rumos poderia preencher suas lacunas. Ao alcançar as qualidades discursivas, o texto passou a fazer sentido para as leitoras (entre as quais se inclui a autora do relato), sem renunciar ao lirismo proposto na primeira versão, em uma narrativa, de fato, de experiência, porque singular.

Segundo Larrosa ([2001] 2019), em *Notas sobre a experiência e o saber de experiência,* a experiência é uma abertura ao que não conhecemos. Colocar a escrita de si em evidência como um objeto fora do sujeito que narrou essa escrita provoca uma espécie de abertura ao desconhecido. Ainda que se trate da escrita de si, não se pode falar em revivência da mesma experiência, posto que o texto passa a ser visto, pelo sujeito e leitores interessados, como um objeto olhado a partir de vários pontos de vista e sob diversos ângulos. A escrita da experiência, diante da singularidade da prática proposta, configura-se, então, em uma nova experiência.

Considerações finais

"Não sou alegre, nem sou triste, sou professora". Assim Ariane finalizou seu texto. A frase, de certa forma, sintetiza os significados construídos nos textos produzidos ao longo dos oito encontros realizados entre março e maio de 2021, durante a pandemia da COVID-19. A estratégia de releitura de um texto de sentidos já amplamente esmiuçados se repete, agora em relação ao famoso verso de Cecília Meireles. No texto original, a poeta se mostra imune aos sentimentos óbvios e escapa das definições através da palavra escrita, da literatura que aponta para o "tornar-se". Ao atualizar o poema, a professora também se permite não corresponder ao esperado: como Cecília, ela coloca os sentimentos em suspenso e, mais do que isso, em inusitada oposição à docência, o que remete, mais uma vez, à não estagnação, à possibilidade.

Do mesmo modo que a leitura literária pode significar acolhimento (PETIT, 2019), a oficina pretendeu acolher o desejo de compartilhar saberes, vivências, mergulhos na subjetividade e exercícios de escrita. Ao convidar à escrita, buscou-se explicitar e explorar a potência da linguagem que nos habita, por meio de uma tríade que continha, em um dos vértices, leitoras interessadas, desconstruindo, assim, aquela "máscara da linguagem escolar" (REYES, 2012, p. 19), que insiste em encobrir e domesticar aqueles e aquelas que experienciam a escola diariamente — em especial, estudantes e docentes.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.

BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969).* Tradução: Daniel C. da Silva, Heloisa M. Rosário, Patrícia C. R. Reuillard e Verónica Galíndez-Jorge. São Paulo: Unesp, 2014.

GUEDES, Paulo. *Da redação à produção textual:* o ensino da escrita. São Paulo: Parábola, 2009.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico:* sabedoria prática. Tradução: Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João W. Geraldi. *In:* LARROSA, Jorge. *Tremores*: escritos sobre experiência. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, [2001] 2019.

MANGABEIRA, Andréa B.; COSTA, Everton V. da; SIMÕES, Luciene J. O bilhete orientador: um gênero discursivo em favor da avaliação de textos na aula de línguas. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 42, p. 293-307, 2011.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura:* uma nova perspectiva. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar.* Tradução: Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

Data de submissão: 14/10/2021
Data de aceite: 18/11/2021